

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA CAMPUS FLORESTAL
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANTONIO CARLOS MARQUES PIRES

**ESTUDANTES QUE TRABALHAM, TRABALHADORES QUE ESTUDAM: UMA
ANÁLISE DE DOCUMENTÁRIO DEDICADO À PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES
DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFV - CAMPUS FLORESTAL**

**FLORESTAL - MG
2024**

ANTONIO CARLOS MARQUES PIRES

**ESTUDANTES QUE TRABALHAM, TRABALHADORES QUE ESTUDAM: UMA
ANÁLISE DE DOCUMENTÁRIO DEDICADO À PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES
DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFV - CAMPUS FLORESTAL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de graduação em
Licenciatura em Educação Física, como
parte dos requisitos necessários à
obtenção do título de Graduado de
licenciatura em educação física.

Orientador: Neilton Ferreira Júnior

**FLORESTAL - MG
2024**

ANTONIO CARLOS MARQUES PIRES

**ESTUDANTES QUE TRABALHAM, TRABALHADORES QUE ESTUDAM: UMA
ANÁLISE DE DOCUMENTÁRIO DEDICADO À PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES
DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFV - CAMPUS FLORESTAL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de graduação em
Educação Física, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do
título de Graduado de licenciatura em
educação física.

Marcília de Sousa Silva
UFV

Sílvia Rodrigo de Moura Rocha
UFV

Neilton Ferreira Júnior
(Orientador)
UFV

**FLORESTAL - MINAS GERAIS
2024**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força inabalável e pelo cuidado constante que sempre me guiou.

Minha família, pelo apoio emocional e amor incondicional ao longo de toda a minha vida. Sem vocês, nada disso seria possível.

Meus amigos, pelos momentos de crescimento, conselhos valiosos e pela presença constante que me ajudou a enfrentar desafios e celebrar conquistas.

Meus professores, por acreditarem em minhas potencialidades e por fazerem do processo formativo universitário um espaço de redescoberta dos meus sonhos e metas.

Ao meu orientador, cujo olhar sensível e orientação me permitiram desenvolver um trabalho que reflete verdadeiramente quem eu sou e o projeto educacional em que acredito profundamente.

A todos, meu sincero agradecimento.

A educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas. Pessoas
transformam o mundo (Paulo Freire).

Resumo

O objetivo geral deste estudo foi discorrer e analisar em profundidade a perspectiva social do documentário "Estudantes que Trabalham ou Trabalhadores que Estudam", situando-o no contexto mais amplo das dinâmicas sociais e econômicas contemporâneas envolvendo os chamados estudantes que trabalham e trabalhadores que estudam. Este documentário serviu como um ponto de partida e instrumento para uma reflexão crítica sobre as complexidades e especificidades do duplo expediente no contexto de um campus universitário, explorando como esses dois elementos (estudo e trabalho) se entrelaçam e impactam a vida dos sujeitos. Metodologicamente, a reflexão aqui proposta realiza uma apreciação externa ao documentário, seu processo de produção e razões, seguido de uma apreciação interna à obra, analisando a narrativa e conteúdos produzidos pelos próprios estudantes, bem como os aspectos de classe social, as dimensões da política pública educacional na qual estão inseridos, a relação que estabelecem com o mercado de trabalho e as estratégias que desenvolvem para lidar com tais expedientes. A análise busca identificar as implicações dessas práticas para o status quo, questionando se o sistema atual perpetua desigualdades ou se oferece reais oportunidades de mobilidade social, fomentar um debate sobre a importância de políticas educacionais e laborais mais inclusivas e equitativas, que reconheçam e apoiem a realidade dos estudantes. A partir dessa análise, espera-se contribuir para uma maior compreensão das relações entre educação e trabalho. A análise cultural do documentário reflete as dinâmicas sociais que valorizam o trabalho em detrimento da educação, discutindo temas como a supervalorização do trabalho, a naturalização do estresse, o sacrifício de sonhos materiais pela educação e a importância de políticas de assistência estudantil, enfatiza a necessidade de equilibrar a valorização do trabalho com o investimento na educação, reconhecendo-a como essencial para o desenvolvimento pessoal e social. A problemática da dupla jornada, que envolve a conciliação entre trabalho e estudo, representa um desafio significativo, especialmente em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Essa situação impõe uma difícil escolha entre garantir a subsistência imediata através do trabalho ou investir na educação para um futuro melhor, muitas vezes condicionada por fatores econômicos e sociais. Paulo Freire, em sua pedagogia, defende a educação como um ato de liberdade, conectada à realidade do estudante e relevante para sua vida prática. Ele sugere um sistema educacional flexível e inclusivo, que valorize as experiências dos alunos e promova a crítica e a autonomia, essenciais para a emancipação social. O documentário mencionado ilustra essa realidade, destacando a importância de um olhar orgânico sobre o processo educacional, considerando as influências contextuais nas vidas dos estudantes. A produção oferece uma reflexão sobre a realidade enfrentada por muitos brasileiros, reforçando a necessidade de uma abordagem educacional crítica e transformadora.

Palavras-chave: Documentário; Estudos Culturais; Dupla jornada; trabalho e estudo; vulnerabilidade socioeconômica; educação; Políticas educacionais.

Abstract

The general objective of this study was to discuss and analyze in depth the social perspective of the documentary "Students Who Work or Workers Who Study", placing it in the broader context of contemporary social and economic dynamics involving the so-called students who work and workers who study. This documentary served as a starting point and instrument for a critical reflection on the complexities and specificity of the double shift in the context of a university campus, exploring how these two elements (study and work) intertwine and impact the lives of the subjects. Methodologically, the reflection proposed here makes an external assessment of the documentary, its production process and reasons, followed by an internal assessment of the work, analyzing the narrative and content produced by the students themselves, as well as the aspects of social class, the dimensions of the public education policy in which they are inserted, the relationship they establish with the labor market and the strategies they develop to deal with such shifts. The analysis and identification of the implications of these practices for the status quo, questioning whether the current system perpetuates inequalities or offers real opportunities for social mobility, foster a debate on the importance of more inclusive and equitable educational and labor policies that recognize and support the reality of students. Based on this analysis, it is expected to contribute to a greater understanding of the relationships between education and work. The documentary's cultural analysis reflects the social dynamics that value work to the detriment of education, discussing themes such as the overvaluation of work, the naturalization of stress, the sacrifice of material dreams for education and the importance of student assistance policies, emphasizing the need to balance the valuation of work with investment in education, recognizing it as essential for personal and social development. The problem of the double working day, which involves reconciling work and study, represents a significant challenge, especially in contexts of socio-economic vulnerability. This situation imposes a difficult choice between guaranteeing immediate subsistence through work or investing in education for a better future, often conditioned by economic and social factors. Paulo Freire, in his pedagogy, defends education as an act of freedom, connected to the student's reality and relevant to their practical life. He suggests a flexible and inclusive education system that values students' experiences and promotes criticism and autonomy, which are essential for social emancipation. The aforementioned documentary illustrates this reality, highlighting the importance of an organic look at the educational process, considering the contextual influences on students' lives. The production offers a reflection on the reality faced by many Brazilians, reinforcing the need for a critical and transformative educational approach.

Key-words: Documentary, Cultural Studies; Double shift; Work and study; Socioeconomic vulnerability; Education; Educational policies.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
1.1 Reconhecimento.....	9
1.2 Da escola à universidade.....	9
1.4 Porquê, como e para quem construí o documentário.....	12
2. Debatendo com a literatura.....	15
2.1 Documentário e a vida universitária.....	18
2.2 Estudantes que trabalham e trabalhadores que estudam: uma expressão da paisagem social.....	19
3. Método.....	23
3.1 Análise cultural.....	23
3.2 Procedimentos.....	23
3.3 Organização dos conteúdos de análise.....	25
4. Análise.....	25
4.1 Entrevistas.....	26
4.2 A cultura e a história.....	27
4.3 Disposição das falas.....	28
5. Considerações Finais.....	31
5. Referência.....	33

1. Introdução

1.1 Reconhecimento

Sou Antônio, tenho 26 anos, natural de Betim MG. Filho de Rosângela Maria Marques e José Carlos Pires, neto de Maria Joana e Aloísio Marques. Sou filho de um casal preto e neto de um casal inter-racial, vó branca, vô preto, caçula de oito irmãos, um dos quais morreu ainda criança, antes de eu nascer, outros dois morreram depois de adultos, vítimas da criminalidade na qual estavam inseridos. Outros três cresceram distantes, eram frutos de outros relacionamentos do meu pai, que por estas razões não esteve tão presente em minha trajetória. Quis detalhar essa relação porque, em situações normais, todos pensariam que não haveria possibilidade de eu me sentir sozinho tendo tantos irmãos, não é mesmo?

Pois bem, aos 11 anos perdi minha mãe, vítima de um câncer no intestino, com irmãos adultos e um pai trabalhador, mas apresentando as dificuldades que mencionei acima, experimentei extrema solidão. Entre muitas lutas pessoais, mas contando com apoio de amigos e familiares, sobrevivi e resisti às armadilhas da criminalidade. Sinto que a obrigação de amadurecer precocemente aos 11 anos, me fez gerar vários “bloqueios”, os quais entendo que carrego até hoje.

Aos 17 anos, saí de casa por uma má relação com meu pai, fui morar com uma “tia de consideração”, e assim, oficialmente, começou minha vida de adulto, com todas as suas diligências.

1.2 Da escola à universidade

À semelhança da grande maioria da população, estudei numa escola pública periférica durante todos os anos do ensino básico. Aos seis anos, me mudei com a família para de favela próximo ao centro, para uma mais afastada, logo após o assassinato do irmão do meu pai. No novo bairro existia uma Instituição Social chamada Ramacrisna. Foi através dela que tive contato com minha primeira grande oportunidade de acesso à cultura e ao esporte, bem como acesso à tecnologia e apoio educacional. Enquanto na escola pública eu enfrentava as recorrentes agruras da precariedade estrutural, violência e consequente falta de apoio de professores,

na Ramacrisna eu podia contar com o cuidado, o zelo dos educadores. O que fez toda diferença pra mim. Através dessa Instituição me aventurei na música e cheguei a compor um grupo que se apresentou para o grande cartunista Ziraldo. Fui representante da Instituição em um encontro municipal em prol das crianças e adolescentes. Particpei de peças de teatro e cheguei a participar de um projeto de jornalismo, dentro da própria Ramacrisna, chamado Projeto Antenados. Expediente que me fez conhecer as artes da fotografia, da cinegrafia, da edição de imagens e da produção de textos informativos. Paralelamente, esse processo foi desenvolvendo em mim alguma sensibilidade crítica.

Aos 18 anos eu me formava no ensino médio. Saí do projeto de jornalismo da Ramacrisna e comecei a trabalhar como repositor em um supermercado. Fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no meu último ano escolar, tendo como foco fazer Medicina e ser o grande orgulho da minha família. Sem orientação e sem conhecer as possibilidades de uma Universidade Federal, comecei a lidar com as problemáticas da vida adulta, a principal delas, as rejeições.

Não nego que, de algum modo, sempre contei com o reforço positivo da minha rede de apoio: amigos, familiares, professores. Todos, à sua maneira, me falavam que eu podia chegar onde eu quisesse, que eu era muito inteligente e que iria “chegar longe na vida”. Esse com certeza foi meu segundo contato com o privilégio entre os meus; mas, ao chegar à vida adulta, percebi que o ser e o querer não são o bastante. Percebi que ninguém mais no meio profissional me enxergava como um menino inteligente, mas, apenas como um cara grande e forte que dava conta do serviço pesado, talvez por isso, é que meu nome nunca foi relacionado a cargos administrativos para uma entrevista. Havia todo um ambiente de limitação do meu desejo e potencial à condição de peão no chão de fábrica, ainda que a dignidade de trabalhos semelhantes não fosse uma questão para mim.

Entre os 18 e 23 anos travei então minha segunda batalha contra o sistema de rebaixamento da minha vontade de vida plena, fazendo minha primeira graduação em Recursos Humanos, numa faculdade privada, aos trancos e barrancos, como se diz no dito popular, estudando e trabalhando, me formei. Ainda assim, nunca tive uma oportunidade sequer de estagiar na minha área de formação. Depois de meses a fio, sem nenhuma oportunidade concreta a vista, decidi refazer o ENEM. A nota, novamente, não me levava para a Medicina.

Quando chegou a data de inscrição no Sisu, eu estava trabalhando à noite, das 00h00 às 06h00, numa fábrica de blocos de motor. Nessa época, todos os dias martelava na minha cabeça a frase atribuída a Charlie Chaplin, “[...] se você trabalhar com o que ama não precisará trabalhar um dia sequer na vida”. Seria o esporte a carreira certa para mim?

Mesmo sem nunca ter sido atleta, eu amava o voleibol, me conectava à modalidade de uma forma muito forte, sem saber ao certo por que razão. Assim, na perspectiva de, pela última vez, tentar fazer o que eu amo e ir em busca da minha felicidade plena, me inscrevi no curso de educação física do Campus Florestal da Universidade Federal de Viçosa. O foco era fazer o que eu amo de verdade. Me inscrevi, joguei para o universo e, em pensamento, sempre dizia a mim mesmo: “se eu passar, eu largar tudo e vou viver o sonho de uma universidade federal”. Não é que consegui!

Lembro que no dia que saiu minha aprovação no curso, eu olhei no trabalho, durante uma das falhas da máquina em que trabalhava e pensei, de agora em diante um outro caminho se abriu pra mim, estou vivo novamente, tenho a chance de recomeçar minha trajetória. Ainda trabalhei por alguns meses na empresa até pedir demissão, mas só fui para Florestal depois de conquistar uma bolsa do Programa de Educação Tutorial (PET). Programa do qual eu participo até hoje. Fui para Florestal como diz o ditado popular, com a cara e a coragem, querendo viver meu sonho por completo. O Antônio de hoje é um ser humano completamente diferente do Antônio de 2021. A roda da vida girou, não tem mais para onde voltar, e que bom!

1.3 A criação de um documentário no contexto de um curso de Educação Física

A vida acadêmica é um imenso labirinto de possibilidades. Há quem diga que não há mal nenhum em se perder nela. Minha história de vida facilita esse caminho mais circular, pois, até então, eu não conhecia nada parecido com aquilo que aos poucos foi se apresentando a mim. Curiosamente, nenhum dos desafios que foram apresentados me eram estranhos, os novos conhecimentos, os textos e autores, os professores, os projetos, as aulas e os famosos trabalhos em grupo, um desses trabalhos em grupo me levou a construir o documentário, objeto desta pesquisa de TCC.

A experiência na arte da comunicação visual e jornalística me preparou para momentos como este. Alternativa a uma atividade em grupo voltada a uma agenda acadêmica do campus, a construção de um documentário me pareceu muito pertinente, pois, o desafio em questão pedia por um olhar sensível à realidade que os estudantes vivenciam na UFV - Campus Florestal, bem como à realidade que uma parcela significativa de estudantes enfrenta para ir e voltar da universidade todos os dias. Ao longo de muitas trocas, conversas, discussões, Ítalo Santiago, então representante dos discentes e organizador da tradicional Semana Acadêmica da Educação Física, expôs a ideia e desejo de lançar luz, câmera e ação sobre essas histórias.

O objetivo dessa pesquisa é apresentar uma reflexão sobre o processo de construção e pertinência dos conteúdos presentes na obra. Para isso, utilizei do próprio conhecimento histórico e documentos constitutivos da obra documentária, das memórias de construção do projeto e de referenciais teóricos de análise fílmica e de produtos culturais.

Concluo que a dinâmica de construção desse trabalho é mais de ordem crítico-reflexiva e introspectiva, pois, falar de uma produção cultural é também falar do seu autor, reconhecendo nele um personagem legítimo entre os protagonistas do documentário, os estudantes que trabalham e os trabalhadores que estudam. Compreendo que essa pesquisa se soma a tantas outras que começam a emergir como resultado dos desafios econômicos, logísticos e emocionais postos à trajetória dessa fração significativa da classe trabalhadora.

Metodologicamente, a reflexão aqui proposta realiza uma apreciação externa ao documentário, seu processo de produção e razões, seguido de uma apreciação interna à obra, analisando a narrativa e conteúdos produzidos pelos próprios estudantes, bem como os aspectos de classe social, as dimensões da política pública educacional na qual estão inseridos, a relação que estabelecem com o mercado de trabalho e as estratégias que desenvolvem para lidar com tais expedientes.

1.4 Porquê, como e para quem construí o documentário

A partir do momento em que eu aceitei a proposta feita pelo Ítalo, nós, em conjunto, alinhamos nossas perspectivas sobre a produção, sobre a ideia de

construção e tipo de comunicação. Com esses passos bem estabelecidos, fui atrás das histórias.

Ser observador é uma característica muito importante em comunicadores e produtores de multimídias, coisa que aprendi lá no projeto Antenados. O que distinguiu essa experiência não foi apenas a aprendizagem de técnicas, mas o autoconhecimento e a formação humana que ele me proporcionou. Estar verdadeiramente interessado em ouvir o outro, conhecer suas histórias, suas dores, seus processos de desenvolvimento e como a narrativa se constrói, é uma das experiências mais concretas que podemos ter com o ser humano. Isso foi o que orientou minha busca, previamente interessada em sujeitos específicos da vida acadêmica, a saber, os estudantes que trabalham e os trabalhadores que estudam.

Todos os personagens dessa história, narrada através de um documentário, se enquadram de alguma forma entre aqueles que se dividem entre a vida laboral e a vida acadêmica. Compondo o documentário estão 4 estudantes, 3 mulheres e 1 homem, com idade que varia de 20 a 35 anos, participantes de cursos distintos. Todos eles autorizaram participar do documentário, fornecendo suas imagens e voz, bem como produzindo o próprio diário em formato audiovisual, falando dos itinerários que percorrem para dar conta do duplo expediente. Complementarmente, esta pesquisa utilizou dos materiais que os estudantes disponibilizam em suas redes sociais.

Entrei em contato com os respectivos estudantes entre os dias 10 e 20 de agosto de 2023, aos quais perguntei sobre o interesse em participar e dividir suas histórias de vida. Expliquei o intuito e contexto da produção audiovisual e eles prontamente aceitaram participar, relatando e gravando a própria rotina.

O eixo da produção narrativa estava centrado na necessidade de mostrarem os contrapontos e desafios do duplo expediente a partir das cenas e cenários que considerassem mais pertinentes, sem com isso, estabelecermos uma ordem de preponderância acerca da qualidade da gravação, acerca das razões que os respectivos narradores dão a sua situação de vida, ou à forma como preferiram narrar. O trânsito entre a vida laboral e estudantil precisava, ainda que contando com poucas vozes, refletir alguma totalidade de experiência, incluindo aí as naturais contradições e mesmo a possibilidade de os participantes desistirem do projeto. O material que o espectador tem em mãos, retrata uma realidade de partilha de desejos e interdições determinadas pelas situações socioeconômicas e projetos dos

narradores protagonistas do documentário. A transparência que se buscou dar ao projeto se expressa pela forma particular e criativa com que cada narrador constrói o seu pensamento e comunicação. A isto se soma ainda as experiências dos estudantes que transitaram da vida de trabalhadores para a dedicação exclusiva à vida acadêmica.

Para a parte de entrevista com os protagonistas do documentário, foram preparadas questões semi-abertas que tinham mais uma função de roteiro de investigação do que uma orientação à busca de informações precisas. Previamente informados sobre este segundo processo, os entrevistados foram encaminhados a uma sala de aula vazia do Campus Florestal, de modo a garantir o maior conforto e qualidade de som. Fiz uso de uma câmera fotográfica com capacidade de gravação de audiovisual, a qual posicionei em cima de uma mesa e sobre uma mochila. Em frente aos entrevistados, me posicionei sentado ao lado da câmera, tentando garantir com que o olhar dos entrevistados ficassem mais no entrevistador do que na câmera. Assim iniciei a entrevista, que necessariamente precisou assumir a forma de um bate papo. Cada entrevista durou em torno de 10 minutos.

O primeiro personagem que entrei em contato foi o Luiz. Pedi para que ele gravasse um dia inteiro da sua rotina, da hora que ele acordasse até a hora que ele fosse dormir novamente, gravando sempre na horizontal com próprio telefone para dá essa ideia de vlog muito famoso na plataforma YouTube, iniciando o vídeo se apresentando e mostrando tudo que eles quisessem sobre sua realidade. O mesmo pedido, fiz para Tatiane. Recolhi todas essas gravações feitas pelos personagens principais e das entrevistas e comecei a edição, montando uma cronologia das duas histórias juntas e no salto temporal, as entrevistas como os fechamentos das transições. Como a rotina do Luiz era a primeira a começar e a última a terminar, ele inicia e encerra o documentário.

1.5 Quem são as pessoas que fazem parte desse documentário

Fazem parte desse documentário estudantes da universidade federal de Viçosa campus florestal, duas do curso de Ciências Biológicas e dois do curso de Licenciatura em Educação Física. Luiz é estudante de educação física que ingressou no curso em 2023/1, Trabalha como motorista de ônibus coletivo na cidade de Betim, é formado em logística e não conseguiu exercer a profissão assim

como eu. Tatiane é uma estudante de ciências biológicas que estudou no ensino médio técnico da UFV, conseguiu vim e se manter aqui por causa das bolsas e auxílios, pois ela vem de uma família bastante carente, se formou e passou para o curso de graduação e aqui permaneceu. Tatiane veio de uma base familiar conflituosa, perdeu a mãe prematuramente e teve que se desenvolver enquanto adulta muito cedo, assim como eu.

Das entrevistadas, Izabela é uma estudante de educação física que ingressou na universidade em 2021, passou as primeiras fases da graduação na rotina intensa de trabalhar e estudar morando na zona rural da cidade de Pará de Minas, buscou oportunidade na iniciação científica porque queria se dedicar e se desenvolver melhor através da vida em um ambiente universitário, assim como eu. Camila é estudante de ciências biológicas, tinha uma certa estabilidade profissional e resolveu abrir mão para que pudesse se tornar professora, entendendo que não aguentaria a rotina intensa de trabalhar e estudar, escolheu estudar com foco no seu futuro e na sua vida profissional pensando a longo prazo, assim como eu.

Utilizo a referência a mim como norteador e que de certa forma, mesmo com histórias de vidas tão complexas e cada um saindo de sua realidade, com toda sua subjetividade, nós nos encontramos nos nossos sonhos, dividimos processos de metas, visões, imaginário. Todos buscaram em si a grande vontade de fazer a engrenagem girar e transformar a realidade para si e para os seus.

2. Debatendo com a literatura

Um grande problema social que marca o contexto escolar e chega até o contexto universitário é a evasão. A evasão refere-se ao abandono de um curso ou instituição de ensino por parte do estudante, seja de forma temporária ou definitiva, devido a questões financeiras, econômicas ou sociais (COSTA, 1991; SOUZA, 1999). Partindo de fatores diversos a evasão é um grande problema pois tem interrompido perspectivas de alunos ao longo de seu desenvolvimento humano. segundo censo da educação básica feita pelo governo federal, estimou que 450 mil jovens no Brasil, por ano, abandonam ou saem da escola no ensino médio. A evasão escolar gera consequências como a marginalização dos indivíduos.

Conforme destacado por Schwartzman (2005) e Andrade (2016), os maiores motivos da evasão são: gravidez na adolescência, baixa renda da família, que leva à necessidade de os alunos trabalharem para ajudar no sustento da casa, dificuldade de aprendizado e falta de interesse por parte dos alunos e da escola. Essa situação é ilustrada na música "A Vida É Desafio", dos Racionais MC 's, onde é retratada a realidade dos jovens que enfrentam essas dificuldades e, muitas vezes, acabam se marginalizando. A letra da música ressalta como a falta de oportunidades e o contexto social desfavorável podem conduzir os jovens a caminhos perigosos, reforçando a importância de políticas públicas que abordem esses problemas para prevenir a evasão escolar e suas consequências.

Sendo logo no ensino médio uma época em que os adolescentes procuram emprego e começam a trabalhar formalmente e informalmente, podendo ser esse um importante fator que gera o abandono desse estudante, como pensar em educação, quando se é preciso pensar em comida no prato. Como destaca Paulo Freire em "Uma carta aos professores", da obra Professora, Sim; Tia, Não - Cartas a Quem Ousa Ensinar (1993), não existe dissociação entre educação e política, elas precisam andar juntas para que o processo educativo não seja excluyente; Logo não se pode culpabilizar sozinho o processo político porque na maioria das vezes o estudante nem sabe o porque ele estuda e a importância da sua construção escolar, então se isso não faz sentido porque ele continuaria se sacrificando em uma rotina dupla ou muitas vezes tripla. Se a escola muitas vezes não conversa com a comunidade e trabalha em conjunto na construção educativa esse aluno também não terá na comunidade pessoas para reforçar a importância da educação para além do trabalho, nesse tocante, nas cartas de baralho da vida se "descarta", as cartas que não se parece útil, para ser possível jogar com as cartas que eu conheço como forte e que é reforçado pelo social, no caso do histórico social brasileiro, o trabalho.

No contexto universitário não é diferente o que muda muitas vezes são os direcionamentos, ou seja, pode vir alunos que acabaram de sair do ensino médio e se encontrar entre as dúvida de começar a trabalhar e tentar controlar a rotina entre o trabalho e o estudo e o direcionamento pode vir de alunos que já se inseriram no mercado, já possuem família, casamento e filhos e não tem sequer a opção de escolher ou não a divisão de trabalho e estudo. Além disso é importante destacar também a falha política/educação em divulgar e garantir que seus estudantes

saibam como funcionam as instituições federais de ensino, como elas se dispõem, como acessá-las, o que se tem de auxílios e todas informações pertinentes para que a sociedade de forma geral entenda que a universidade é um lugar para todos, e trabalham para garantir a permanência de todos nesse contexto. A evasão universitária é um problema complexo que pode ser relacionado às ideias de Paulo Freire na obra "Educação e Mudança" (1979), a importância de uma educação que promova a conscientização e a transformação social, abordando não apenas a transmissão de conhecimento, mas também o desenvolvimento crítico dos estudantes, a educação deve ser um processo de libertação, onde o aluno é um sujeito ativo, participante do próprio aprendizado. Muitos alunos abandonam os estudos devido a fatores como dificuldades financeiras, falta de apoio institucional, desmotivação e a desconexão entre o currículo acadêmico e suas realidades pessoais e sociais. Freire argumenta que a educação deve ser relevante e significativa para a vida dos estudantes, conectando-se com suas experiências e aspirações. Quando o ambiente universitário não proporciona essa conexão, os alunos podem sentir-se alienados e desmotivados, levando à evasão.

Ao longo da história do audiovisual no mundo, documentários foram muito utilizados para contar histórias, mostrar realidade, culturas e até fazer denúncias. O documentário é definido como uma forma cinematográfica que aborda o mundo histórico em vez de mundos imaginários ou fictícios, caracterizando-o como um "tratamento criativo da realidade". Os documentários são classificados em modos de representação distintos, como expositivo, observacional, participativo, reflexivo, performático e poético, cada um com características únicas que moldam a apresentação e interpretação da realidade. Diversas técnicas e elementos comuns nos documentários incluem entrevistas, narração em voz de Deus, som direto e uso de material de arquivo, que contribuem para a construção da narrativa e da credibilidade do filme. As questões éticas envolvidas são enfatizadas, destacando a responsabilidade dos cineastas em representar fielmente seus sujeitos e em obter consentimento informado. Por fim, observa-se que os documentários têm múltiplas funções, como informar, educar, entreter e mobilizar audiências, influenciando opiniões públicas e promovendo mudanças sociais, frequentemente atuando como ferramentas de advocacia e denúncia (Nichols, 2012). O Documentário tem uma definição complexa e multifacetada que evoluiu ao longo do tempo. Historicamente, John Grierson definiu o documentário como "o tratamento criativo da realidade". A

definição de documentário é frequentemente relativa e comparativa, sendo diferenciada por contraste com filmes de ficção ou experimentais. Institucionalmente, os documentários são definidos pelo tipo de filme que organizações e instituições produzem, como é o caso do History Channel, que classifica programas específicos como documentários. A visão dos documentaristas também varia, influenciando a concepção de documentário, como exemplificado pelo filme "Santiago" de João Moreira Salles, classificado como documentário apesar de conter elementos semelhantes à ficção. Bill Nichols argumenta que todos os filmes são documentários, pois todas as imagens são captadas com o uso da câmera, independentemente de serem fictícias ou não, desafiando as distinções tradicionais entre documentário e ficção. Godard sugeriu que "todo grande filme de ficção tende ao documentário, assim como todo grande filme documentário tende à ficção", refletindo a intersecção entre os dois gêneros. Existem normas e convenções associadas aos documentários, como o uso de narração em voz de Deus, entrevistas e gravação de som direto, que ajudam a definir o gênero, enquanto recursos documentais também são adotados na ficção, mostrando a sobreposição entre as práticas dos dois gêneros. A compreensão do que é documentário muda conforme mudam as ideias dos documentaristas sobre seu trabalho, o que torna a definição do gênero dinâmica e sujeita a evolução (MATTA, 2023).

2.1 Documentário e a vida universitária

Documentar a vida de estudantes e relacionar essa documentação com questões sociais oferece uma oportunidade valiosa para explorar e compreender a intersecção entre experiências individuais e contextos sociais mais amplos. Segundo Renov (2004), a documentação das vidas estudantis pode fornecer uma visão íntima e detalhada das experiências, desafios e sucessos desses indivíduos, destacando como questões sociais como desigualdade econômica, discriminação e acessibilidade afetam suas vidas acadêmicas e pessoais. Além disso, ao capturar como os estudantes enfrentam e lidam com questões sociais relevantes, tais como mobilidade social, identidade (raça, gênero, classe social) e ativismo, os documentários podem oferecer insights sobre o engajamento dos estudantes em movimentos sociais e como suas experiências acadêmicas refletem ou desafiam

normas sociais, contribuindo para mudanças sociais. Documentar a vida estudantil também permite analisar como a educação serve como um meio de mobilidade social e como o acesso desigual à educação pode perpetuar ciclos de pobreza e exclusão, ilustrando disparidades no acesso a oportunidades educacionais. Os documentários podem trazer à tona narrativas diversificadas, desmistificar estereótipos e promover uma compreensão mais profunda das realidades enfrentadas por diferentes grupos sociais dentro do ambiente acadêmico. Além disso, ao fomentar empatia e engajamento, os documentários podem aumentar a conscientização sobre questões sociais e encorajar ações para melhorar as condições dos estudantes. Por fim, ao dar voz a estudantes marginalizados e expor as realidades enfrentadas em relação a questões sociais, esses filmes podem promover mudanças em políticas educacionais e sociais, influenciando instituições e formuladores de políticas a abordar questões de justiça social e equidade (RENOV, 2004).

2.2 Estudantes que trabalham e trabalhadores que estudam: uma expressão da paisagem social

Uma enorme camada da população universitária do país é composta por estudantes que precisam dividir a sua vida entre muitas etapas na ambição de construir um futuro melhor para si e para os seus. Uma rotina intensa que pode representar uma grande bagunça mental para a localização do indivíduo na sua própria jornada, e perguntas como; eu sou um estudante que trabalha ou trabalhador que estuda, podem vir a surgir. Isso impacta diretamente sua trajetória acadêmica. Esses estudantes têm maior dificuldade em manter um bom desempenho acadêmico e em concluir o curso no tempo regular. Além disso, a busca por trabalho entre os estudantes também reflete a precariedade das condições econômicas e a necessidade de contribuir para a renda familiar. O trabalho durante a graduação é um fator determinante para a permanência e o sucesso acadêmico, e há necessidade de políticas mais efetivas que atendam às realidades dos estudantes trabalhadores (TRÓPIA; SOUZA, 2023).

O acesso à universidade, por si só, não é suficiente para garantir uma experiência educativa plena e satisfatória para todos. É necessário um conjunto

mais amplo de políticas e práticas que ajudem a diminuir as desvantagens que esses estudantes enfrentam e a promover uma verdadeira equidade dentro do ambiente acadêmico. A universidade, ainda que com políticas de inclusão, mantém barreiras simbólicas e práticas que limitam a plena fruição dos estudantes oriundos de camadas populares (MESQUITA DE ALMEIDA, 2007). O que acaba sendo um grande fato é que nós somos influenciados diretamente pelo contexto que vivemos, seja ele, social, profissional, sentimental, esses contextos fazem com que de certa forma o olhar para seu processo de vivência seja modificado, aliás nosso processo de evolução pessoal não passa por nossas experiências? logo o caminho que nos direcionam a partir dessas experiências vão definir nosso caminho. Para muitos estudantes de camadas populares, a continuidade no ensino superior está fortemente ligada à necessidade de trabalhar. Frequentemente, a combinação entre trabalho e estudo só é possível por meio de cursos noturnos, uma vez que uma jornada de trabalho extensa limita a flexibilidade para horários de estudo. Assim, a trajetória educacional desses estudantes é marcada por uma constante tensão entre trabalho e escola, o que afeta seu contexto social, sua experiência pessoal, suas expectativas profissionais e sua adaptação ao ambiente universitário (PORTES, 2001).

Para os estudantes de baixa renda, a ideia de parar de trabalhar para se dedicar totalmente aos estudos não é uma escolha que possam fazer livremente. Em seu contexto social, a prioridade é garantir o sustento próprio e o de seus familiares, o que torna impossível abandonar o trabalho. Assim, a única maneira de prosseguir com a educação é combinar o trabalho com os estudos. Esse equilíbrio entre trabalhar e estudar se torna, portanto, a única alternativa viável para que possam continuar seus estudos e buscar melhores oportunidades para o futuro (PEREIRA, 2018).

Segundo o IBGE, jovens adultos são definidos como aqueles na faixa etária de 18 a 29 anos. Dados do censo de 2022, mostra que essa população representa 20% da população total do Brasil. De acordo com dados da Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua de 2021, cerca de 71% das pessoas nessa faixa etária concluíram o ensino médio. Isso reflete uma melhora na taxa de escolarização em comparação com décadas passadas. A proporção de jovens que ingressam no ensino superior também aumentou nas últimas décadas,

aproximadamente 23% dos jovens adultos têm ensino superior completo. No entanto, a taxa de evasão universitária ainda é alta.

A relação entre trabalho e estudo entre estudantes do ensino superior é um tema central para compreender as dificuldades enfrentadas por jovens de camadas populares no Brasil. A necessidade de conciliar emprego e educação impõe desafios significativos para os estudantes, e, muitas vezes, acabam comprometendo sua formação acadêmica e qualidade de vida. Uma parcela considerável dos estudantes de ensino superior no Brasil, especialmente aqueles oriundos de famílias de baixa renda, precisa trabalhar para garantir sua subsistência e, em muitos casos, contribuir para o sustento de suas famílias. Essa situação gera uma sobrecarga significativa, uma vez que a jornada de trabalho, frequentemente extensa e precária, interfere diretamente na disponibilidade de tempo e na energia que poderiam ser dedicados ao estudo. Além disso, os tipos de empregos acessíveis a esses jovens, geralmente no setor de serviços ou em posições de baixa qualificação, não oferecem a flexibilidade necessária para acomodar as exigências acadêmicas, o que agrava ainda mais a situação (PEREIRA, 2018).

Nas implicações dessa dupla jornada na escolha do curso e da instituição de ensino, muitos desses estudantes optam por cursos noturnos ou de menor duração, não necessariamente porque sejam suas primeiras escolhas, mas porque são as únicas opções viáveis dadas suas obrigações laborais. Esse fenômeno é particularmente visível em instituições de ensino superior privadas, que, apesar de oferecerem maior flexibilidade em termos de horários, muitas vezes cobram altas mensalidades, levando os estudantes a acumularem ainda mais responsabilidades financeiras. Nessa linha, Bourdieu (1964), destaca a existência de uma correlação entre a origem social dos estudantes e o tipo de curso superior frequentado, afirmando que a escolha do curso superior era influenciada por variáveis, como a categoria socioprofissional dos pais, a idade e o sexo e, secundariamente, pela origem geográfica dos estudantes, por exemplo, se procedentes de áreas urbanas ou rurais.

O impacto dessa realidade na qualidade da experiência acadêmica, o cansaço físico e mental resultante das longas jornadas de trabalho, aliado ao estresse de equilibrar múltiplas responsabilidades, compromete a participação dos estudantes em atividades acadêmicas extracurriculares, como projetos de pesquisa, monitorias e programas de extensão. Isso, por sua vez, limita o desenvolvimento de

habilidades e competências essenciais, tanto para o mercado de trabalho quanto para a formação integral do indivíduo. A sobrecarga de trabalho muitas vezes resulta em atrasos na conclusão dos cursos ou, em casos mais extremos, na evasão escolar. A necessidade de priorizar o trabalho para garantir a renda familiar pode levar ao abandono temporário ou definitivo dos estudos, perpetuando um ciclo de baixa qualificação e acesso restrito a melhores oportunidades de emprego (PEREIRA, 2018).

2.3 Estudos Culturais para análise audiovisual e cultural

Os Estudos Culturais são um campo teórico-metodológico interdisciplinar que se originou no Reino Unido durante os anos 1950 e 1960, influenciado por mudanças sociais significativas no pós-guerra, especialmente na classe operária britânica. Esse campo busca entender as relações entre cultura, sociedade e poder, enfatizando que a cultura não é apenas um reflexo passivo das condições materiais, mas um espaço ativo de produção de significados e resistência. O *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de *Birmingham*, fundado por Richard Hoggart em 1964, é frequentemente citado como o berço dos Estudos Culturais. Três obras fundamentais contribuíram para a formação do campo: *The Uses of Literacy* (1957) de Hoggart, *Culture and Society* (1958) de Raymond Williams, e *The Making of the English Working Class* (1963) de E.P. Thompson. Essas obras ampliaram o conceito de cultura para além das artes, literatura e música, incluindo práticas e formas de vida cotidianas, muitas vezes desvalorizadas ou ignoradas pela alta cultura. Stuart Hall, que assumiu a direção do CCCS em 1968, desempenhou um papel central na consolidação dos Estudos Culturais, promovendo o estudo das subculturas e dos meios de comunicação de massa como ferramentas de controle social, mas também de resistência. Ele ajudou a moldar o campo como um espaço teórico-político que desafia as fronteiras disciplinares tradicionais e enfatiza a interseção entre cultura e poder. Os Estudos Culturais romperam com a visão elitista de cultura, valorizando práticas culturais populares e marginalizadas, e criticando as hierarquias entre cultura alta e baixa. Essa abordagem ampliada permitiu uma análise mais inclusiva e crítica da produção de significados na sociedade contemporânea, posicionando a cultura como um terreno central de disputa e transformação social (ESCOSTEGUY, 2001).

3. Método

3.1 Análise cultural

Análise cultural é um método específico dentro do protocolo metodológico dos Estudos Culturais, sendo um sistema capaz de interpretar significados nas pesquisas em comunicação, vai além da mera análise de fenômenos culturais, buscando entender a cultura como um sistema dinâmico de significações. Ela é considerada política e conjuntural, articulando produção e consumo cultural. Segundo Raymond Williams, as práticas culturais refletem as experiências e sentimentos compartilhados por uma sociedade. Assim, a análise cultural permite uma compreensão profunda da cultura vivida, registrada e das tradições seletivas que surgem ao longo do tempo. Em suma, a análise cultural é posicionada como um método de procedimento concreto, fundamental para as investigações em comunicação dentro do campo dos Estudos Culturais, oferecendo um instrumental analítico que vai ao encontro das especificidades e particularidades das conjunturas sociais contemporâneas (MORAES, 2016).

3.2 Procedimentos

Na análise do documentário, serão considerados seis modos de composição tipificados por Nichols (2005) como: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Entre esses, o modo expositivo se destaca como o mais tradicional. Ele organiza fragmentos do mundo histórico em uma estrutura que é predominantemente retórica ou argumentativa, em vez de estética ou poética. Nesse modo, a narrativa assume o papel principal, sendo transmitida de forma verbal, enquanto as imagens desempenham um papel secundário, atuando mais como ilustrações que complementam o discurso. Uma característica fundamental do modo expositivo é a "montagem de evidência", um recurso que organiza as imagens de maneira a sustentar o argumento central do filme. Essa montagem não segue necessariamente uma continuidade temporal ou espacial; ao contrário, busca criar a impressão de um argumento coeso e persuasivo, fundamentado por uma lógica interna. Dessa forma, o modo expositivo se preocupa menos com a beleza visual e mais com a clareza e a força do argumento que está sendo construído, utilizando as

imagens de forma estratégica para reforçar o discurso narrativo. Assim, o documentário se torna uma ferramenta poderosa para a construção de uma narrativa convincente, onde o espectador é guiado a seguir uma linha de raciocínio bem estruturada e fundamentada em evidências visuais cuidadosamente selecionadas (NICHOLS, 2005).

No campo metodológico da análise cultural, essa abordagem se enriquece ainda mais quando consideramos o "Mapeamento de Estruturas de Sentimento" como um eixo analítico. Este conceito utiliza a apropriação do testemunho nos documentários, tratando-o como um construto narrativo e um fragmento de um todo maior. No modo expositivo, o testemunho não é apenas uma evidência; ele se torna parte integrante da estrutura argumentativa, contribuindo para a construção de uma narrativa que busca não apenas informar, mas também provocar uma resposta emocional no espectador. Assim, o testemunho, como fragmento, é cuidadosamente inserido na narrativa para reforçar a lógica do argumento, ao mesmo tempo que articula sentimentos e experiências que ressoam com o público, criando uma conexão mais profunda e envolvente com o material apresentado. Essa abordagem metodológica destaca a importância do testemunho como uma peça-chave na composição documental, funcionando tanto como evidência quanto como elemento que capta e expressa as estruturas de sentimento que permeiam a narrativa. Dessa forma, o documentário não apenas expõe fatos, mas também constrói uma experiência emocional que engaja o espectador em um nível mais profundo, alinhando a lógica argumentativa com a vivência subjetiva e cultural dos indivíduos retratados (NICHOLS, 2005).

O terceiro eixo da análise, denominado "Estudo das Práticas e Representações Culturais", compreende a história e as dinâmicas sociais como elementos centrais na construção da narrativa documental. Esse eixo foca em como as práticas culturais e as representações coletivas são capturadas e reconfiguradas dentro do documentário, moldando a percepção dos espectadores sobre o contexto histórico e cultural abordado. A análise das práticas e representações culturais permite desvendar as camadas de significado que estão embutidas nas escolhas narrativas e visuais do documentário, revelando como essas práticas refletem e ao mesmo tempo influenciam as realidades culturais que o filme pretende retratar. Ao integrar esses eixos metodológicos, a análise documental se torna mais robusta, possibilitando uma compreensão mais profunda e complexa do modo como os

documentários não apenas registram a realidade, mas também a interpretam e a ressignificam, atuando como agentes ativos na construção e disseminação de discursos culturais e históricos (NICHOLS, 2005).

3.3 Organização dos conteúdos de análise

- Construção das narrativas através de cortes, recortes e contextos.
- Disposição das entrevistas, sua contribuição para a história contada na produção e a forma como elas são distribuídas ao longo da história.
- Relação cultural entre as histórias, como elas se relacionam e como são influenciadas e se estão influenciadas pelo mesmo contexto.

4. Análise

O documentário inicia com o despertador do primeiro personagem que entre as histórias também é o primeiro a acordar. Luis motorista de ônibus coletivo inicia o contato através de um vídeo selfie contando sobre sua história de vida como é as disposições do seu contexto e como é sua rotina pela manhã antes de iniciar seu horário de trabalho, já abarcado pelos seus contextos e pelas pessoas que o atravessam, mostrando também como chegou a esse momento atual e sobre quais contextos ele chegou até o presente momento da gravação. Chega ao trabalho e mostra seus desafios até fazer a primeira corrida, como é nomeado o primeiro trajeto de trabalho. O fechamento da primeira parte da história é feito com a primeira entrevista de uma outra personagem dessa história chamada Isabela, que conta de sua transição entre uma trabalhadora estudante para uma estudante trabalhadora. Logo após há um corte para o outro contexto onde mostra a outra personagem, Tatiane que acaba de acordar e também mostra suas disposições antes de iniciar seu trabalho educacional com a iniciação científica, que também conta sua história de vida enquanto organiza sua casa e se prepara para estudar pela manhã. Após a

conclusão da rotina matinal da personagem a um corte para segunda personagem entrevistada, Camila, que também conta seu processo de transição entre trabalhadora estudante e estudante trabalhadora, explicitando suas dificuldades no início do processo educacional enquanto tinha que trabalhar e estudar e muitas vezes o fazia dentro de um ônibus coletivo na volta do trabalho pois era como ela conseguia, ônibus sendo a ferramenta de trabalho do primeiro personagem, o que torna muito simbólico na amarração da história contada. Passada a linha temporal da parte da manhã na produção, na segunda etapa do documentário, mostra a segunda personagem tatiane no pós almoço indo para sua iniciação científica concluindo su mostra da parte da tarde volta a segunda parte das personagens entrevistadas e quem faz o fechamento de sua entrevista é camila, após a entrevista, já volta no primeiro personagem e no seu tempo da parte da tarde ele utiliza para estudar, o final da tarde o primeiro personagem já inicia a outra particularidade da sua rotina que é o percurso de sua residência até a universidade, e a segunda parte documentário se encerra com a última parte da entrevista da personagem Izabela. A linha temporal da tarde é fechada com Luís chegando a universidade, na parte da noite volta para tatiane já em sala de aula contando o que foi feito por ela na parte da tarde e a mesma faz uma entrevista espontânea com uma colega de classe que também fala por alto como se dispõe sua rotina, logo após, corta para Luís na sua rotina de volta para casa após a aula indo para seu primeiro ônibus, há um novo corte para que tatiane encerre sua rotina indo dormir, encerrado a rotina de tatiane, volta para as últimas etapas da rotina de Luís que ainda está caminhando, ou melhor, correndo para pegar seu último ônibus até chegar na sua casa. chegando na sua casa, após se despedir mostra a ativação de seu despertador programada para poucas horas após sua chegada em casa.

4.1 Entrevistas

Uma parte a se destacar no documentária entra nas relações feitas entre as entrevistas e as rotinas apresentadas. trazendo uma ligação que transita entre as histórias as personagens desse momentos vem como uma ferramentas importantes de ligação que contextualiza diretamente o que implicitamente é visto nas histórias dos personagens principais dessas histórias. trazendo uma transicionalidade que

parte das suas escolhas de vida e é fortalecida pelos transição são feitas na edição da produção. Por um lado se tem Izabela, uma mulher que vem de uma parte mais afasta de sua cidade e tinha que se colar na função de trabalhar e estudar, com trajeto dificultoso até para chegar em sua casa e que viu na iniciação científica universitária uma oportunidade de se colocar mais ativa na vida de estudante conseguir com isso mais tempo para se dedicar a sua evolução pessoal para além da profissional. Então a entrevista conta desse contexto mostrando que na decisão também tem seus sacrifícios e seus sub pontos a serem destacados mostrando implicitamente que independente dos contextos escolhas são feitas e têm seus pesos. A segunda entrevistada, Camila, mesmo vinda de outro contexto, atravessa as mesmas dimensões de escolha de Izabela, e compartilha paralelamente os resultados de suas decisões sacrificadas. Na produção vimos as interconexões com ônibus, que passa a se tornar uma importante figura simbólica nas histórias. vindo da visão de que Luís é um motorista de ônibus coletivo e além de sua ferramenta de trabalho o ônibus e o que leva ele até a universidade para que ele possa estudar, o ônibus também entra na história quando camila trás o fato de que durante a pandemia a mesma ouvia as aulas que eram EAD, no ônibus enquanto voltava do emprego. Então as entrevistas vem como estruturalmente pensadas como a transicionalidade das histórias e suas rotinas nos cortes, mas também como o olhar de contextos que que passaram pela as transições de suas rotinas para uma nova, em prol dos estudos e de uma experiência universitária mais produtiva. As entrevistas são divididas em duas partes onde uma explícita como eram as rotina das entrevistadas antes da transição e como era dividida suas vidas para que elas pudessem se organizar e se colocar como estudantes nos seus contextos. Já a segunda parte traz um olhar para o pós e como foi o contato com o novo trazendo o quão importante isso foi para experiência universitária delas e para que fosse possível um maior afinco a suas rotinas podendo se dedicar com mais exclusividade a vida de estudante.

4.2 A cultura e a história

Todos os personagens do documentário trazem consigo importantes informações sobre seus contextos e como elas chegaram até o caminho de seus sonhos. Entendendo as duplas e triplas jornadas como importante problemática a se analisar, observar e refletir, pois acaba sendo um espelho de uma construção social

focalizada na supervalorização de trabalho e pouco pensada na educação. essa perpetuação de sentido e valorização leva a incontáveis problemáticas sociais e no conjunto dessas histórias é visto como a abdicação é sempre a principal via de caminho para quem deseja, ou tentar desejar, mudar seu status quo. A visão que prioriza o valor imediato do emprego e da produtividade em relação ao investimento em formação e aprendizado, é relevante observar em diversas sociedades, especialmente em contextos onde houve desenvolvimento econômico, a necessidade de emprego, e as pressões do mercado de trabalho que dominam as prioridades culturais e sociais.

A educação, em seu sentido mais amplo, é crucial para fornecer às pessoas as ferramentas necessárias para enfrentar as incertezas do mercado de trabalho. A educação deve ser mais do que apenas treinamento para um emprego específico; deve ser um processo contínuo que promove o desenvolvimento intelectual e moral, permitindo que os indivíduos naveguem com sucesso pelas complexidades da vida moderna. Não se trata de substituir a cultura do trabalho pela cultura da educação, mas sim de equilibrar os dois, onde a educação proporciona uma base sólida para que o trabalho possa ser uma extensão significativa e enriquecedora da vida do indivíduo (SENNETT,1998). É possível observar através da produção que não há uma tentativa de se desvendar ou esclarecer se há uma rotina ou decisão certa, simplesmente é um acesso as essas realidades para entendimento de seus contextos, esclarecendo que todos os contextos e rotinas tem seus muitos desafios, e o que se torna importante é o conhecimento para que se entenda também que no ambiente educacional as pessoas vem de suas realidades e isso vai influenciar o ensino e aprendizagem e por isso precisa ser considerada. Quando Paulo freire fala de organicidade da educação ele vai trazer a importância de enxergar o ser no seu ambiente e como o seu ambiente vai influenciar seu processo educacional, focalizando que quando mais a educação dialogar com a realidade mais ela fará sentido e mais ela será efetiva, porque vai existir o diálogo entre esses polos.

4.3 Disposição das falas

Ao final do documentário, Luiz fala “ ...espero que não tenha sido cansativo pra vocês, porque eu de certa forma já estou acostumado...”, esse trecho é muito interessante para refletir sobre o processo adaptativo a rotina mesmo sobre

estresse. O filósofo Herbert Marcuse, em sua obra "Eros e Civilização" de 1955, discute como as sociedades modernas têm uma tendência a reprimir o potencial humano em favor da produtividade e da eficiência, argumentando que o capitalismo cria uma falsa necessidade de aceitação do sofrimento e do estresse como algo natural, moldando as pessoas para aceitarem condições de vida alienantes e exaustivas como normais e inevitáveis, criticando que a sociedade se adapta e se acostuma com a repressão, que acaba sendo internalizada pelos indivíduos, levando-os a aceitar uma vida de constante estresse e insatisfação. Já Bourdieu em seu conceito "habitus", explica como as estruturas sociais e culturais influenciam o comportamento e as práticas dos indivíduos, moldando suas percepções e expectativas de vida. Ele argumenta que as pessoas internalizam certas normas e modos de vida, que são reproduzidos automaticamente, mesmo quando são prejudiciais ou estressantes. Isso inclui a aceitação de uma vida cansativa como parte normal da existência, especialmente entre as classes trabalhadoras, que são socializadas para aceitar condições difíceis de trabalho como inevitáveis. Foucault em "Vigiar e Punir" de 1975, fala como as instituições sociais (como a escola, o trabalho, e até mesmo o sistema prisional) disciplinam os corpos e as mentes dos indivíduos, levando-os a internalizar regimes de controle que exigem conformidade, produtividade e, muitas vezes, aceitação de condições de vida duras e extenuantes.

Camila durante sua entrevista vai dizer que utilizou do dinheiro que estava juntando para comprar seu primeiro carro para se mudar a cidade de florestal e poder se dedicar de forma mais eficiente aos estudos, explicitando também uma importante questão social. O dilema de ter que abrir mão de sonhos materiais para investir em estudo é uma realidade que muitos enfrentam, especialmente em contextos de restrições financeiras. Este sacrifício revela uma tensão profunda entre o desejo de melhorar a qualidade de vida imediata e a aspiração por uma educação que, em longo prazo, possa proporcionar melhores oportunidades. Para muitas pessoas, especialmente aquelas em condições socioeconômicas menos favorecidas, a decisão de investir em educação em detrimento de sonhos materiais como comprar uma casa, um carro ou alcançar algum conforto material pode parecer um sacrifício significativo. Esse tipo de escolha é frequentemente imposto pela realidade econômica, onde os recursos financeiros são limitados e precisam ser alocados. Amartya Sen em sua teoria das capacidades, sugere que as pessoas devem ser livres para perseguir os objetivos que valorizam. No entanto, ele

reconhece que, em situações de pobreza ou restrições financeiras, as escolhas são limitadas, e muitas vezes as pessoas precisam priorizar certas necessidades básicas, adiando ou renunciando a outras aspirações, como os sonhos materiais, para investir em algo que pode oferecer um retorno maior a longo prazo, como a educação. Karl Marx trás sobre contradições do capitalismo, onde as necessidades materiais imediatas frequentemente impedem o desenvolvimento pessoal e a realização dos sonhos. A necessidade de sobrevivência econômica força os trabalhadores a tomarem decisões que mantêm o status quo, em vez de permitirem a plena realização de seus potenciais e desejos. Já Max Weber, em suas análises sobre o "espírito do capitalismo", interpreta a renúncia aos sonhos materiais em favor do investimento em educação como parte de uma ética de trabalho ascética, onde o esforço e o sacrifício pessoal são vistos como necessários para alcançar o sucesso futuro. Esse sacrifício é parte da racionalidade moderna, onde os indivíduos são incentivados a adiar a gratificação imediata em prol de recompensas futuras mais significativas.

Izabela diz em sua entrevista que a partir do momento que ela ganhou sua bolsa para iniciação científica, ela teve coragem de largar seu emprego e se mudar para cidade de florestal, com isso ela teve mais tempo para poder estudar e se dedicar às coisas da universidade, mostrando como as políticas de assistência e desenvolvimento estudantil são necessárias. Políticas de assistência podem impactar o acesso à educação, promover a equidade e apoiar o sucesso acadêmico. O acesso à educação é fundamental para o desenvolvimento das pessoas e a redução das desigualdades. Políticas de assistência estudantil são vistas como uma forma de ampliar as capacidades e as oportunidades para aqueles em situação desfavorecida (SEN, 2000).

Tatiane no momento em que compartilha sua rotina vai falar que foi importante ter feito ensino médio dentro da Universidade Federal de viçosa campus florestal, mesmo que pela parceria com a escola estadual que a universidade tem, por que ela teve acesso um melhor nível de ensino, uma fala interessante para refletir e discutir sobre a importância da construção de um ensino de qualidade em prol de uma melhor liberdade de escolhas para os indivíduos, evidenciando como a proposta de uma educação em prol da autonomia pode ser efetiva. Piaget em *O Julgamento Moral na Criança* de 1932, desenvolveu a teoria do desenvolvimento cognitivo, onde a autonomia é vista como um estágio avançado no desenvolvimento moral e

intelectual, argumentando que a educação deve promover a capacidade da criança de pensar por si mesma, desenvolver julgamentos morais e agir de acordo com seus próprios princípios.

Quando os alunos desenvolvem a capacidade de pensar criticamente, tomar decisões informadas e agir de forma independente, eles estão mais preparados para navegar as complexidades do mundo moderno e construir uma trajetória que reflita seus valores, interesses e habilidades. A educação que promove a autonomia não apenas prepara os alunos para serem aprendizes eficazes, mas também os capacita a fazer escolhas educacionais e profissionais que realmente ressoam com suas paixões e habilidades. Ao desenvolver autonomia, os indivíduos são mais capazes de planejar e construir um futuro que seja significativo e satisfatório, possibilitando uma vida mais equilibrada e realizada. Em suma, a autonomia é fundamental para que cada pessoa possa exercer plenamente sua liberdade, responsabilidade e potencial ao escolher seu caminho no mundo (FREIRE, 1979).

5. Considerações Finais

A problemática da dupla jornada, que combina trabalho e estudo, é um desafio significativo enfrentado por muitos indivíduos, especialmente em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Este cenário implica na necessidade de conciliar as demandas e responsabilidades do emprego, que garanta a subsistência, com o compromisso acadêmico, que é visto como uma ferramenta para ascensão social e desenvolvimento pessoal. A carga horária extensa e o esforço físico e mental envolvidos em ambos os compromissos podem levar a um desgaste considerável, afetando tanto o desempenho acadêmico quanto a saúde física e emocional do indivíduo. Muitas vezes, essa situação resulta em um dilema: priorizar o trabalho, para garantir a sobrevivência imediata, ou os estudos, visando um futuro melhor. Contudo, essa escolha muitas vezes não é totalmente livre, mas imposta pelas condições econômicas e sociais. Paulo Freire (1979), em sua obra e prática pedagógica, oferece uma lente crítica para entender e discutir essa problemática. Freire defendia a educação como um ato de liberdade, onde o processo educacional deveria ser significativo e conectado à realidade do estudante. Entendendo que a educação não pode ser alienada da vida cotidiana dos indivíduos e deve respeitar os

conhecimentos e experiências que eles trazem de sua vida fora da escola. Sugerindo a necessidade de uma educação que dialogue com a realidade do estudante. Isso significa criar um ambiente educacional que reconheça as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos e que os auxilie na construção de um conhecimento que tenha relevância prática e imediata para suas vidas, enfatizando a importância da educação como um meio de conscientização e transformação social, onde o estudante, ao se educar, se torna mais consciente de sua condição e potencial para agir sobre o mundo (FREIRE, 1979). Portanto, aponta para a necessidade de um sistema educacional mais flexível e inclusivo, que valorize as vivências dos alunos e que busque integrar o aprendizado acadêmico com as realidades do trabalho. Tal sistema deveria apoiar o desenvolvimento integral do indivíduo, respeitando o tempo e as limitações impostas pela dupla jornada, ao mesmo tempo que promove a crítica e a autonomia, elementos centrais para a emancipação social e pessoal. A problemática da dupla jornada não deve ser vista apenas como um desafio individual, mas como um reflexo das desigualdades sociais mais amplas, que exigem uma abordagem educacional crítica e transformadora, como a proposta por Paulo Freire.

Nesse tocante o documentário, estudantes que trabalham e trabalhadores que estudam vem como um olhar para realidade e para que seja possível visualizar o quanto importante é olhar para o processo educacional com organicidade, entendendo que o contexto tem influenciado as vidas que chegam no ambiente educacional. A produção que tem pouco mais de 20 minutos é um acesso importante para reflexão da realidade de uma parcela importante da população brasileira.

5. Referência

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. **Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade**. Caderno Crh, v. 20, p. 35-46, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. **Esboço de uma teoria da prática, precedido de três estudos de etnologia cabila**. Tradução de Júlio Assis Simões. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

COSTA, Francisco José, Bispo, M. S., & Pereira, R. C. F. (2018). **Dropout and retention of undergraduate students in management: a study at a Brazilian Federal University**. RAUSP Management Journal, 53, 74-85

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 151-170, 2001.

FEY, Ademar Felipe, Lucena, K. C., & Fogaça, V. N. S. (2011). **Evasão no ensino superior: uma pesquisa numa IES do ensino privado**. Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura, 1(1), 65-96.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Disponível em: <https://ifbaiano.edu.br/portal/pos-eja-santa-ines/wp-content/uploads/sites/99/2020/07/Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Mudan%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

_____. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados>. Acesso em: 17 ago. 2024.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Lúcia M. S. Menezes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. v. 1.

MATTA, Heloneida da. **Mas afinal, o que é documentário?** Aluna: Heloneida da Matta. Orientadora: Angeluccia Bernardes Habert. 2023.

MORAES, Ana Luiza Coiro. **A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas**. Questões Transversais, v. 4, n. 7, p. 28-36, 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2012.

PEREIRA, Lucinea de Souza. **Trabalhar e estudar, eis a questão: os desafios enfrentados pelos estudantes trabalhadores da Universidade Federal de Ouro Preto**. 2018.

PIRES, Antônio Carlos Marques. **Documentário: Estudantes que trabalham ou trabalhadores que estudam**. Universidade Federal de Viçosa Campus Florestal. YouTube, Disponível em: <<https://youtu.be/yZM8zqHWdGQ?si=kEYyZjOcRqHU7TpO>>. Acesso em: 02 de agosto de 2024.

PORTES, Écio Antônio. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos**. 2001. 267f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

RACIONAIS MC 'S. **Vida e desafio**. In: *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 CD.

RENOV, Michael. **The Subject of Documentary**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

TRÓPIA, Patrícia Valverde; SOUZA, Jessé Souza de. **Portas permanecem semiabertas: perfil ocupacional dos estudantes das universidades federais brasileiras**. Revista Brasileira de Educação, v. 28, n. 1, p. 1-30, 2023.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Mário Henrique Simonsen. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.